

X ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

O AMOR COMO FUNDAMENTO DO "EU" E DA "CIVITAS" EM AGOSTINHO

Orientadora: Prof. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira¹ Autor: Francisco Damazio de Azevedo Segundo² Vanessa Lopes Vasconcelos³

¹Professora Efetiva da UEPB. Professora Colaboradora do PPGF (Mestrado em Filosofia) da UFPB. Coordenadora do *Principium* – Núcleo de Estudo e Pesquisa em Filosofia Medieval/CNPq. sites.uepb.edu.br/principium

²Professor Efetivo do Estado do Ceará na área de Filosofia, Graduado em Direito, Especialista em Filosofia, Pós-Graduando em Direito e Mestrando em Filosofia pela UFPB.

³Professora do Curso de Direito da Faculdade Luciano Feijão; Mestre em Ciência Jurídico Internacional pela Universidade de Lisboa.

RESUMO

O texto em questão estuda o Amor como fundamento do ser humano e da sociedade na visão de Santo Agostinho. O amor, deste modo, possui efeito ético e político, pois na medida em que o ser humano coloca sua felicidade nas paixões, desejos e vícios, então ele mesmo obstaculiza a sua condição humana, tendo em vista que ele carece da liberdade. A liberdade só existe na medida em que o homem faz com que a sua vontade se identifique à vontade de Deus, em que ele deixa de lado sua vontade parcial e limitada ao querer transcender a sua própria realidade, passando, desta forma, a amar conforme o mandamento divino. O ser humano quando busca a Deus, na verdade procura a sua real condição humana, pois Ele é a razão universal, devendo o homem, desta forma, colocar sua vontade em concordância com a vontade de Deus e, assim, ser capaz de amar o próximo conforme o amor da Cidade Celeste.

Palavras-Chaves: Amor. Ser Humano. Civitas.

1. INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é permeada de fragmentações com relação ao indivíduo que não consegue reconhecer-se enquanto humano (na sua totalidade) e, deste modo, abdica da sua dignidade para viver uma vida sub-humana, em que lhe são podados os direitos e garantias sociais. Do mesmo modo que o indivíduo se enfraquece, as relações também se dilaceram, pois se o sujeito não se enxerga em sua humanidade, como poderia observar o outro? Desta forma, o enfraquecimento das relações contemporâneas são perniciosas à dignidade do ser humano.

O problema também se situa na esfera pública, quando o Estado não garante igualdade de condições aos menos favorecidos, fazendo da desigualdade social o seu sustentáculo. A pobreza e a miséria deixam de ser, deste modo, mazelas a serem combatidas, passando a ser institutos de conservação do poder.

Agostinho de Hipona em sua obra “*A Cidade de Deus*” questiona tais valores sociais que são impostos ao sujeito, impedindo-o de ter liberdade e ansiar um estado de Justiça, inclusive de Justiça Social. Contudo, para se chegar a este momento, há necessidade de o homem reconhecer a sua dignidade originária (criado à imagem de Deus) e obedecer à vontade d’Ele, pois só assim alcança a verdadeira liberdade, podendo lutar por uma sociedade em que a Justiça não é imposta por classes sociais, mas se estabelece por meio do amor.

2. METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica como fonte principal de investigação, através de análise que possibilite uma melhor apresentação-discussão dos temas abaixo relacionados. As fontes serão livros, artigos científicos e publicações periódicas, principalmente as especializadas, que possuam temas ligados à ética, à política e à justiça social e que abordem tais temáticas, sobretudo no pensamento de Agostinho de Hipona.

O método adotado em relação aos dados bibliográficos será o hermenêutico e dialético, que promove o confronto de argumentos contraditórios, o qual garantirá o exame crítico da pesquisa.

3. PROBLEMATIZAÇÃO

Agostinho de Hipona em sua *magnum opus*, “*A Cidade de Deus*”, realiza um diapasão entre a Cidade dos Homens e a Cidade de Deus, no caso: “Dois amores fundaram, pois, duas cidades, a saber: o amor-próprio, levado ao desprezo a Deus, a terrena; o amor a Deus, levado ao desprezo de si próprio, a celestial” (2008, p.169). Assim, o ponto em comum entre ambas está o amor, mas que amor seria esse que poderia tanto ocasionar a salvação, quanto a perdição do ser humano, tendo-se em vista que a Cidade dos Homens é dotada de imperfeições, egoísmos, desigualdades e inseguranças, em que a lei serve apenas para salvaguardar o direito de certos grupos, desprezando, desta forma, o bem comum. É a cidade em que impera o amor-próprio, na qual o ser humano observa apenas suas necessidades particulares, pois, entregue às paixões, desassimila-se de Deus.

Já a Cidade de Deus é fundada no amor do homem a Deus, levando-o a não se preocupar com o seu interesse particular, mas sim com algo que vá além da sua realidade fática, um ser principiológico comum a todos os seres. Segundo Agostinho, somente no encontro com Deus, com o processo de assimilação a *ordo amoris* é que pode ser possível ao ser humano encontrar a felicidade, que pode ser expressa no bem comum, em que a sociedade se edifica com o respeito ao próximo e em harmonia social.

Como o ser humano poderia, desta forma, buscar um itinerário de encontro a Deus e, portanto, de contemplação da felicidade, de modo a se livrar das paixões e dos vícios, que ocasionam o afastamento de Deus? Agostinho, assim, percebe que a inquietude humana deriva do “não-encontro” com a razão originária de todos os seres, no caso, Deus. O resgate ontológico agostiniano subjaz o pensamento ético e político do autor, pois o ser humano não fora criado para objetivar sua existência aos vícios e paixões próprios da Cidade dos Homens, pois eles os aprisionam, gerando esta inquietude. Somente no conhecimento e cumprimento do mandamento divino é que o homem pode ser plenamente livre, pois conforme Agostinho (1984, p. 15): “[...] fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em ti”.

A liberdade, desta forma, encontra cerne na filosofia Agostiniana, pois o homem só pode encontrar-se nesta plenitude quando a sua vontade está assimilada à vontade de Deus, da razão que

tudo origina. Desta forma, deduz-se que a humanidade só é capaz de chegar a um amor livre na medida em que ama conforme o amor divino. Já na Cidade dos Homens, ao contrário, vemos que esta gera o afastamento da liberdade e, inclusive, de nossa própria humanidade, tendo em vista a imputação dos vícios e paixões, que reduz o próprio homem a um objeto. Por outro lado, na Cidade de Deus o mandamento do amor liberta o homem de todos os condicionamentos e ele passa a observar-se enquanto ser humano quando coloca sua vontade e, conseqüentemente, seu amor junto a Deus. Esta ideia é corroborada por Arendt, quando escreve (1998, p. 94):

‘Ninguém poderá existir sem amar, mas a questão é: amar o quê? Pois não nos é de modo algum ordenado amar, mas sim escolher o objeto do nosso amor’. Não é apenas o objecto do amor que distingue a caridade da concupiscência, mas sim o acto de escolher (*eligere*). O amor do mundo (*dilectio mundi*) nunca é uma escolha (*electio*), visto que o mundo já está sempre aí e o amor do mundo é dado naturalmente. [...] Neste amor que escolhe, o Criador é tomado na sua relação com a criatura. A criatura reconhece-se como criatura escolhendo na caridade o Criador.

Feitas estas discussões de índole pessoal, que propiciam o encontro do ser humano com a sua essência – Amor – diante do seu próprio esvaziamento, então será discutido como ocorre a formação das cidades supracitadas, a saber: “A Cidade de Deus” e “A Cidade dos Homens”. O processo de *kénosis* do indivíduo resulta no encontro da *ordo amoris* – vivência na ordem do amor – é necessário que o próprio ser humano desenvolva o seu “sentir” amor (do amor egoísta para o amor a Deus), fazendo com que não se limite ao amor que aprisiona (ao mero materialismo), mas desenvolvendo-se ao *beata vivere*, que se constitui a verdadeira felicidade, resultando na leveza (*kenosis*- esvaziamento) do humano, sendo capaz de viver plenamente o amor:

E é bom para o homem que, a expensas do amor que nos faz viver mal, o amor que nos faz viver bem se desenvolva até à perfeita cura e feliz transformação de tudo quanto somos de vida. [...] As tendências dos pesos são como que os amores dos corpos, quer busquem por seu peso, descer, quer busquem, por sua leveza, subir, pois como o ânimo é levado pelo amor aonde quer que vá, assim também o corpo o é por seu peso (2008, p. 49).

Tendo em vista que Agostinho traz ao debate ético e político a temática da vontade, então o homem, enquanto ser volitivo, cria suas relações sociais por meio dela. Desta forma, pode ser tratado que a sociedade surge por meio de um acordo de vontades, contudo, na “Cidade dos Homens”, neste momento em que é visado somente o interesse particular, então os mais poderosos podem barganhar os seus direitos sobre uma minoria, pois não visam o bem comum, mas tão somente seus interesses privados. Aqui homem preocupa-se com o *bene vivere* – o bem viver –, compreendido como a posse de bens materiais e imposição social, tornando-se dividido, conforme assevera Agostinho (2008, p. 177):

[...] E porque semelhante bem não é tal que de quem dele gosta exclua as angústias, por isso essa cidade se divide contra si mesma, pleiteando, batalhando, lutando e buscando vitórias mortíferas ou pelo menos mortais. Porque, seja qual for a parte da cidade que se levante em guerra contra a outra, pretende ser vencedora, embora cativa dos vícios.

Já na “Cidade de Deus”, diferentemente da “Cidade dos Homens”, a preocupação é com o *beate vivere* – o viver santo -, consistente da vida feliz, em que o ser humano não se preocupa com o seu interesse particular, mas com o bem comum. Isso faz com que a sociedade se projete na *ordo amoris* – ordem do amor -, em que os homens, ao perceberem a realidade em que cada um está imbuído, planificam o amor como elemento principiológico nos seus relacionamentos, ocasionando o respeito e o acolhimento aos seus semelhantes. Desta forma, o amor deve ser compreendido como o fundamento da sociedade agostiniana, tendo e vista que esta deve consistir na busca pelo bem comum e na harmonia social, encontrando, desta forma a paz, de acordo com Agostinho (2008, p.402):

[...] A paz da alma racional é a ordenada harmonia entre o conhecimento e a ação, a paz do corpo e da alma, a vida bem ordenada e a saúde do animal. A paz entre o homem mortal e Deus é a obediência ordenada pela fé sob a lei eterna. A paz dos homens entre si, sua ordenada concórdia. A paz da casa é a ordenada concórdia entre os que mandam e os que obedecem nela; a paz da cidade celeste é a ordenadíssima e concordíssima união para gozar de Deus e, ao mesmo tempo, em Deus. A paz de todas as coisas, a tranqüilidade da ordem. A ordem é a disposição que às coisas diferentes e às iguais determina o lugar que lhes corresponde.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vontade de paz e justiça está presente na vida do ser humano, pois isto faz parte de sua criação. Os conflitos individuais ou sociais que atingem a todos por vezes desvencilham o homem de seu real sentido natural, pois torna-se “aprisionado” por seus desejos, paixões e vícios, tal como o orgulho e o ódio que impedem de ver a realidade, sendo por eles manipulador. A necessidade da discussão em torno do Amor como fundamento é importante, pois ele cumpre uma dupla função: ele é causa, mas também finalidade. A necessidade essencial que o ser humano possui que o torna de fato humano está na capacidade de amar, mas não somente amar a si mesmo, pois ele pode se fechar nas suas fraquezas, nos seus egoísmos, nos seus partidarismos, nas suas ideologias; mas também (e primeiramente) amar a Deus, um Deus que se faz presente no “Eu”, no Próximo, na Justiça, de modo a construir na Cidade dos Homens uma verdadeira Cidade de Deus.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**: Contra os Pagãos. Vol. I. Tradução de Oscar Paes Leme. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **A Cidade de Deus**: Contra os Pagãos. Vol. II. Tradução de Oscar Paes Leme. 8 ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

_____. **A Trindade**. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994.

_____. **Confissões**. Tradução de Maria Luíza Jardim Amarante. 17 ed. São Paulo: Paulus, 1984.

_____. **O Livre-Arbítrio**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **Solilóquios**. Tradução de Adaury Fiorotti. São Paulo: Paulus, 1998

ARENDT, Hannah. **A Vida do Espírito**: o pensar, o querer, o julgar. Tradução de César Augusto R. de Almeida. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

_____. **O Conceito de Amor em Santo Agostinho**. Tradução de Alberto Pereira Dinis. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

RAMOS, Francisco Manfredo. **A Busca da Felicidade em Santo Agostinho**. Fonte disponível em:

http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/Colecao_Diversos/Panorama_Literario/ACL_Panorama_Literario_30_A_busca_da_felicidade_em_Santa_Agostinho_Manfredo_Thomaz_Ramos.pdf. Acesso em 21 de outubro de 2014.

_____. **A Civitas Política de Agostinho**: uma leitura a partir do Epistolário e da Cidade de Deus. Fonte disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/civaug/article/view/39/pdf>. Acesso em 21 de outubro de 2014.

_____. **A Idéia de Estado na Doutrina Ético-Política de Santo Agostinho**. São Paulo: Loyola, 1984.